

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS - UFRJ  
LICENCIATURA EM PORTUGUÊS-LATIM

KAROLINE SILVA LIMA

**O uso do empréstimo na criação de palavras do Twitter: Uma análise sob a  
perspectiva da Morfologia Distribuída**

Rio de Janeiro

2023

# **O uso do empréstimo na criação de palavras do Twitter: Uma análise sob a perspectiva da Morfologia Distribuída**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ como parte dos Requisitos para obtenção do Título de Licenciado em Letras: Português - Latim, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isabella Lopes Pederneira.

Rio de Janeiro

2023

## CIP - Catalogação na Publicação

L732u Lima, Karoline Silva  
O uso do empréstimo na criação de palavras do  
twitter: Uma análise sob a perspectiva da  
morfologia distribuída / Karoline Silva Lima. -- Rio  
de Janeiro, 2023.  
53 f.

Orientadora: Isabella Lopes Pederneira.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português - Latim,  
2023.

1. criação de palavras. 2. interface sintaxe  
semântica. 3. morfologia distribuída. 4. sintaxe  
computacional. 5. empréstimos. I. Pederneira,  
Isabella Lopes , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, em quem acredito e confio a minha caminhada, por ter me dado a oportunidade de estudar em uma das melhores universidades do país e ter me dado forças para não desistir e persistir até o fim, e que apesar das dificuldades, foi um fardo que eu aguentei carregar graças a sua benevolência comigo.

A minha família, que sempre me apoiou em todas as minhas decisões e nunca me questionou, e que apesar de eu ter não ter dado a atenção merecida a eles, devido ao estresse e cansaço com relação às demandas da faculdade, respeitaram esse meu momento sensível e me deram palavras de ânimo. Agradeço especialmente ao meu pai, que sempre proveu o melhor para mim e para minha irmã, para que não precisássemos trabalhar e apenas nos dedicar aos estudos; que ouviu minhas angústias em relação à faculdade e que mesmo não entendendo sobre isso e nunca nem ter terminado o ensino médio, suas palavras eram de tamanha sabedoria que foram estas que mais me consolaram em momentos de angústia.

Dedico também esse trabalho como homenagem a minha mãe, a qual eu queria que testemunhasse esse encerramento de um ciclo da minha vida; que abriu mão do seu sonho de estudar para se dedicar à criação e à educação de suas duas filhas, e como resultado de seu esforço pode, pelo menos, presenciar ainda em vida as duas irem tão longe ao ingressarem nas maiores universidades do país. Também agradeço a minha irmã, um ser cheio de luz, que como o sol, iluminou meus dias com sua positividade e alegria e que também compreendeu e respeitou os meus altos e baixos.

A minha orientadora, professora Isabella Pederneira, sempre muito prestativa e gentil com todos seus orientandos. A sua solicitude é rara de se encontrar em outros orientadores da instituição. Estava sempre disposta a explicar novamente e corrigir nossos erros sem precisar destratar ninguém por isso, e que também me ouviu quando precisei desabafar sobre minhas dificuldades e assim me deu palavras de conforto.

Aos professores da faculdade de letras com quem tive oportunidade de ter aulas maravilhosas, que não sei se por sorte minha, foram muitos, e que cada um da sua maneira acrescentou muito no meu desenvolvimento profissional e que me serviram de inspiração. Em especial, destaco a professora Adriana Leitão, que não sabe, mas por causa de suas aulas

muito organizadas e didáticas, comecei a gostar de Linguística e persuaði esse caminho do estudo das línguas até a minha monografia.

Aos meus amigos e colegas que fiz na faculdade, os quais não foram muitos, mas foram os mais incríveis que eu poderia encontrar, que vieram até mim quando eu não tinha coragem e me ajudaram ao longo dessa jornada.

Também dedico esse trabalho ao meu grupo musical favorito, BTS, que pode parecer bobo, mas me consolou em muitos momentos por meio das letras de suas músicas, e que me serviu como distração para reabastecer minhas energias e enfrentar mais um dia de escrita. Nada disso seria possível também sem eles.

## RESUMO

Este trabalho propõe analisar e explicar o processo de formação de palavras a partir de um fenômeno comum às línguas naturais: o empréstimo. As redes sociais, principalmente o Twitter, foram fontes de obtenção de dados empíricos de usuários falantes de língua portuguesa, tendo em vista ser esse um meio profícuo para a coleta de um grande número de palavras criadas de forma natural pelos falantes. Através desse levantamento, o corpus foi dividido em dois grupos de palavras: (i) palavras diretamente emprestadas do inglês que chegam ao português em forma de raízes; e (ii) palavras derivadas de empréstimos inseridas na gramática do português. O modelo teórico adotado é uma vertente construcionista da Gramática Gerativa - Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997). Pressupõe-se aqui que a sintaxe é o componente responsável pela formação de palavras e que estas podem ter significado composicional, isto é, quando seu significado pode ser previsto a partir da sua estrutura interna, ou podem ter leitura idiomática, ou seja, quando adquirem outra interpretação semântica dentro de um domínio de localidade que é definido sintaticamente. Através da análise, foi possível confirmar a hipótese de que os dois grupos de palavras seguem regras gramaticais previstas na língua portuguesa, proposta coerente com o modelo de gramática da Morfologia Distribuída para a formação de palavras. Observa-se, portanto, que há uma incorporação de palavras estrangeiras que são tomadas como raízes na língua-alvo, como forma de criação de novas palavras, respeitando as regras de formação já vigentes, bem como a incorporação de novos significados em contexto sintático específico.

**Palavras-chave:** criação de palavras; interface sintaxe-semântica; morfologia distribuída; sintaxe computacional; empréstimos.

## ABSTRACT

This work proposes to analyse and explain the word formation process from a phenomenon common to natural languages: the loan. Social networks, mainly Twitter, were sources for obtaining empirical data from Portuguese-speaking users, considering that it was in this medium that a large number of words created naturally by speakers were found. Through this survey, the corpus was divided into two groups of words: (i) words directly borrowed from English that arrive in Portuguese in the form of roots; and (ii) words derived from loans inserted in the Portuguese grammar. The theoretical model adopted is a constructionist aspect of Generative Grammar - Distributed Morphology (MARANTZ, 1997). It is assumed here that syntax is the component responsible for the formation of words and that these can have compositional meaning, that is, when their meaning can be predicted from their internal structure, or they can have idiomatic reading, that is, when they acquire another semantic interpretation within a locale domain that is syntactically defined. Through the analysis, it was possible to confirm the hypothesis that the two groups of words follow grammatical rules foreseen in the Portuguese language, a proposal consistent with the Distributed Morphology grammar model for word formation. It is observed, therefore, that there is an incorporation of foreign words that are taken as roots in the target language, as a way of creating new words, respecting the formation rules already in force, as well as the incorporation of new meanings in a specific syntactic context.

**Keywords:** word creation; syntax-semantics interface; distributed morphology; computational syntax; loans.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O léxico computacional	20
Figura 2: Arquitetura do sistema computacional da sintaxe	21
Figura 3: Leitura arbitrária	28
Figura 4: Leitura composicional	28
Figura 5: Leitura idiomática	29
Figura 6: representação dos domínios da palavra	30
Figura 7: árvore sintática do adjetivo old	35
Figura 8: árvore sintática do verbo oldar	36
Figura 9: árvore sintática de instagramar	44
Figura 10: árvore sintática de instagramável	44



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>15</b>
1.1 Modelos lexicalistas X modelos construcionistas.....	15
1.2 Morfologia Distribuída.....	17
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>31</b>
<b>3 OS CORPORA.....</b>	<b>32</b>
<b>4 ANÁLISE.....</b>	<b>33</b>
4.1 Raízes como palavras diretamente emprestadas.....	35
4.2 Palavras emprestadas com adaptação à fonologia do PB.....	43
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O empréstimo é um fenômeno comum e faz parte da dinâmica de toda língua natural, que sempre está suscetível a mudanças ao longo do tempo. Na perspectiva formalista que será adotada neste trabalho, a mudança é intrínseca às línguas e, portanto, decorre de um processo geracional e abrupto de mudança de gramática.

A globalização promovida pela internet proporcionou, principalmente, o contato mais direto entre usuários no mundo todo e, por conta disso, o uso de empréstimos para criação de palavras se tornou ainda mais frequente e evidente. Nesse sentido, percebe-se que o *Twitter* tem se mostrado uma fonte muito rica de palavras novas na língua portuguesa, principalmente entre pessoas mais jovens. Sendo uma das redes sociais mais populares do mundo, os fenômenos linguísticos são explorados de forma intensa e natural, visto que há principalmente uma interação constante entre os usuários por meio de textos verbais escritos chamados *tweets*.

Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo analisar a incorporação de palavras especificamente de origem inglesa e suas possíveis derivações a partir dessa incorporação e a atribuição de novos significados (PB); partindo do pressuposto da Teoria Gerativa que considera que, apesar de termos a impressão de que essas criações de palavras sejam inovadoras, na verdade, as novas formações seguem as mesmas regras de quaisquer outras palavras que são previstas na gramática da língua portuguesa.

Destarte, ao longo do trabalho e especialmente através da análise de dados empíricos retirados da internet, foi possível responder a alguns questionamentos como: as novas formações encontradas são totalmente aleatórias e inovadoras? Como o falante de língua portuguesa cria ou adapta palavras estrangeiras para seu vocabulário? As palavras realmente são locais de idiossincrasias? O que o empréstimo linguístico revela sobre o falante e por que esse fenômeno é tão produtivo?

Esta monografia, portanto, está dividida em três seções. A primeira seção corresponde aos fundamentos teóricos e se subdivide em duas subseções, em que o grande quadro teórico que irá nortear a discussão é o Programa Minimalista de Chomsky (1995). Dentro desse arcabouço teórico, será possível entender que o ser humano possui uma capacidade inata que o permite criar expressões novas, como as encontradas nas redes sociais, a partir de elementos finitos da gramática da língua (MIOTO, 2013).

Assim, distinguem-se duas principais correntes teóricas dentro da Gramática Gerativa (GG): lexicalistas e construcionistas. A primeira tem como principal ideia a concepção de um léxico pré-sintático, onde são criadas e armazenadas as palavras e expressões particulares de uma língua, em que ambos os significados composicionais e idiossincráticos são incluídos, formando uma só lista. Já a segunda, entende que as palavras são construídas através de uma hierarquia de componentes gramaticais, sendo a sintaxe o único considerado gerativo. Logo, as palavras, assim como as sentenças e os sintagmas, podem ter significados composicionais e também idiossincráticos e ainda serem analisadas em unidades menores.

Portanto, ainda na mesma seção, será propriamente discutido o modelo construcionista de gramática da Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997). Acredita-se que sob uma perspectiva de interface sintaxe-semântica, será dado um tratamento adequado ao processo de formação de palavras e principalmente será possível analisar o fenômeno linguístico do empréstimo encontrado nos *corpora* de maneira satisfatória. Isto porque esse modelo teórico prediz que as palavras não estão prontas, mas são formadas por meio de um processo de fases<sup>1</sup> e, por isso, os dados serão possíveis de serem observados em sua estrutura interna.

A segunda seção descreve brevemente o método adotado para a obtenção e análise do *corpus* levando em consideração a vertente teórica adotada. A divisão dos dados encontrados nas redes sociais considerou principalmente o critério fonológico em que resultou em dois tipos de grupos de empréstimos.

A terceira seção é dedicada à análise dos *corpora* que teve como enfoque demonstrar através de dados das redes sociais, principalmente do *Twitter*, as operações que se realizam dentro das palavras por meio do componente gerativo sintático, que resultaram em um novo uso e na criação de palavras na língua portuguesa.

Nas considerações finais, apresenta-se uma breve conclusão a partir da análise feita dos *corpora*. Dentre as considerações, consolida-se o pressuposto da Morfologia Distribuída (MD) de que as palavras também são derivadas a partir da sintaxe, assim como os sintagmas e as sentenças.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 Modelos lexicalistas X modelos construcionistas

---

<sup>1</sup> Fases são resultados de merges de itens após o *spell-out*. (Ver Marantz, 2007)

Assim como qualquer outra teoria científica, a Gramática Gerativa (GG), vertente adotada neste trabalho, também abrange modelos teóricos do funcionamento da Gramática diversos. Eles são divididos principalmente em dois tipos: modelos lexicalistas, que seguem mais estritamente as ideias do precursor da teoria, mas que ainda podem divergir quanto à definição de morfema; e modelos construcionistas, os quais se subdividem principalmente quanto ao momento da inserção fonológica de itens de vocabulário e significado.

No Lexicalismo, modelo de gramática desenvolvido por Chomsky (1970) e subsequentes, a sintaxe é entendida como o estudo da estrutura e organização hierárquica de sintagmas e sentenças, que são o resultado de um arranjo combinatorial de palavras, em que estas estariam predispostas no léxico. Dessa forma, podemos conjecturar que o componente sintático está sujeito ao léxico. A partir do léxico, portanto, são projetadas as estruturas sintáticas.

Nessa perspectiva, a morfologia é vista como a área da Linguística que estuda a formação de palavras e seus constituintes e sua organização hierárquica em uma determinada língua a partir de processos como flexão e derivação. Tem como elemento básico o morfema que se define por ser a menor unidade gramatical que contém som e significado (Anderson, 1992). Entretanto, este elemento pode ser concebido de maneiras diferentes dentro de uma mesma corrente teórica como o Lexicalismo.

Existem, pelo menos, dois tipos de modelos lexicalistas: a Morfologia Baseada no Lexema (MBL) proposta em Anderson (idem) que se caracteriza, segundo Scher (2013) pelo fato de considerar como morfemas apenas radicais relacionados a categorias lexicais (N, V, A), enquanto os afixos como elementos que derivam de regras de formação de palavras. Outra abordagem é de Lieber (1992) chamada Morfologia Baseada no Morfema (MBM). Assume-se aqui que tanto os radicais lexicais quanto afixos são morfemas. As palavras são combinações desses itens lexicais que, ao estarem dispostas dentro do léxico, são enviadas posteriormente, após derivação, para a sintaxe.

Como já dito, mesmo dentro de uma mesma teoria, os gerativistas não estão em consenso, especialmente quanto ao tipo de abordagem quando se trata dos limites da morfologia e da sintaxe. O linguista americano Alec Marantz é o precursor de uma teoria que confronta diretamente as ideias lexicalistas de Chomsky (1970) em seu artigo *No escape from syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon* (1997). Entre

suas propostas principais está a obliteração entre a morfologia e a sintaxe e um novo modelo de gramática de interfaces. Esse novo modelo chama-se de Morfologia Distribuída (MD).

Como um modelo teórico da GG, não rejeita totalmente o modelo clássico de gramática lexicalista e também se preocupa em explicar a relação do significado e sua estrutura sintática. Entretanto, como Scher (2013) aponta, a MD diverge particularmente de modelos lexicalistas como a Morfologia Baseada no Lexema (MBL) nos seguintes aspectos: ambas as vertentes consideram uma separação entre traços morfossintáticos-semânticos e a sua expressão fonológica, porém na MD, a noção de morfema é diferente e também sua abordagem em relação aos afixos, os quais são considerados parte do modelo. Quanto à Morfologia Baseada no Morfema (MBM), assim como a MD, também atribui traços fonológicos a feixes de traços morfossintáticos, mas a principal diferença se dá quanto ao sentido do componente fonológico em relação ao componente sintático. Isto porque é assumida que na MD a atribuição da fonologia ocorre pós-sintaticamente.

A MD, portanto, ao propor uma interface sintaxe-semântica, desconsidera a principal ideia do Lexicalismo: o léxico computacional. Ao invés disso, o primeiro atribui ao componente sintático a responsabilidade de construir as palavras. Essa é a principal ideia dos modelos construcionistas e em especial da Morfologia Distribuída. Destarte, pode-se afirmar que a Morfologia Distribuída entende que as palavras são formadas pelos mesmos processos sintáticos que as sentenças e os sintagmas.

## **1.2 Morfologia Distribuída**

O modelo teórico a ser adotado, portanto, é a Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997; HALLE & MARANTZ, 1993; EMBICK & NOYER, 2007), um modelo construcionista que desconsidera o léxico como uma lista de itens lexicais completamente formados, isto é, com todos os traços semânticos, fonológicos e sintáticos, e que entende que as palavras são, na verdade, formadas por meio de um processo chamado de derivação sintática que gera estruturas que são interpretadas pelo componente fonológico e semântico. Denomina-se Morfologia Distribuída (MD), pois faz interface com a sintaxe e a semântica. Diferentemente do Lexicalismo, em que se atribui a apenas um componente da gramática a formação de palavras, a MD distribui funções para cada componente da gramática, em que

são exercidas em um momento específico da derivação. A palavra é o produto final e esta irá constituir o vocabulário de uma língua.

A Morfologia Distribuída surge em confronto principalmente com as propostas da teoria lexicalista (CHOMSKY, 1970; JACKENDOFF, 1992), pois entende que é a sintaxe o único componente responsável por gerar estruturas linguísticas, tanto no nível da palavra quanto no nível dos sintagmas e das sentenças. O léxico não seria totalmente descartado neste modelo, porém seu papel não é mais o mesmo: no lexicalismo, ele se encarregava de gerar as palavras, ou itens lexicais, e comportá-las já prontas em seu repositório para apenas depois fazer o encaminhamento para a sintaxe. Já na MD, a sintaxe é que precede o léxico, onde este último estaria a serviço do primeiro, fornecendo apenas átomos para a construção de palavras. Pode-se dizer, então, que a sintaxe é responsável por formar o léxico de uma língua.

Tradicionalmente, como já é sabido, a morfologia e a sintaxe são consideradas componentes da gramática distintos. Essa concepção separacionista de gramática estaria baseada na Hipótese Lexicalista que determina que a primeira apenas se encarrega dos elementos particulares das línguas que formam as palavras, da sua organização e das informações que lhes são atribuídas; enquanto a segunda exerceria a mesma função, porém em relação aos sintagmas e as sentenças. Entretanto, nesta perspectiva construcionista, essa distinção se dissolve: a sintaxe estaria envolvida no processo de formação de palavras, ao passo que realiza a organização de tais unidades linguísticas em níveis hierárquicos diferentes.

Os estudos da Morfologia Distribuída começam a partir do texto seminal de Halle e Marantz (1993). Nesse artigo, discutem-se algumas questões principais da morfologia, ao passo que se apresentam as principais ideias que fundamentam essa vertente teórica, como a discussão em torno da ideia de morfema e afixo. Os autores mostram que na visão tradicional (Anderson, 1992), o morfema é considerado o elemento básico que resulta de uma relação de som e significado, e os afixos são parte de um conjunto que resulta de regras de formação de palavras, e, assim, associados a uma categoria lexical (N, V, A), se formaria o lexema. Na Morfologia Distribuída, o contra-argumento é baseado em uma “morfologia com afixos”, em que os afixos também são considerados morfemas, portanto, adquirem uma nova concepção. Na verdade, os morfemas e as correspondências de som/significado não estariam todos dispostos em um mesmo local (léxico), como a visão minimalista sugere, mas em locais diferentes.

As propostas da MD foram principalmente motivadas por trabalhos antecedentes que já discutiam, mesmo que minimamente, a interface morfologia-sintaxe. Um deles é o capítulo de Wasow (1977) que esboçou algumas questões que sugerem uma interferência da sintaxe na morfologia. Para Wasow, além do léxico, algumas palavras podem ser formadas através de processos sintáticos, como demonstra, através de uma correlação de propriedades. Assim, fundamentam-se dois tipos de morfemas que resultam na divisão da morfologia em morfologia derivacional e morfologia flexional. A primeira estaria relacionada ao léxico, que formaria palavras com diferentes categorias gramaticais; enquanto a segunda é derivada da sintaxe, e refere-se ao processo de variação da mesma palavra – palavras derivadas – por meio, por exemplo, de afixos ou outras estruturas internas.

Entretanto, na vertente construcionista como a MD, tal distinção não é estabelecida, pois o léxico não é um componente especial para formação de palavras e a sintaxe estaria presente igualmente em todo processo de formação de palavra, não importa a sua classe gramatical. Ao invés disso, sugere-se uma distinção significativa entre morfologia externa e morfologia interna, termos que serão abordados mais adiante ainda nesta seção. A nova concepção que o morfema adquire também será trabalhada aqui.

A noção tradicional de derivação e flexão está normalmente relacionada a morfemas “lexicais” e “sintáticos”. Como Marantz (2001) nos lembra, nessa visão, há dois lugares para formação de palavras: a flexão é expressa fonologicamente e ocorre após a sintaxe enquanto a derivação é gerada no léxico pré-sintaticamente. Diz-se que uma palavra se flexiona quando ela pode variar quanto a sua forma em vários contextos gramaticais. Algumas línguas podem ter mais flexões com fonologia expressa do que outras, como o latim em relação ao português, e esta última se comparada ao inglês. Já as palavras derivadas são aquelas que derivam de uma palavra já existente no léxico com adição de afixos. A principal diferença entre flexão e derivação vai ser a capacidade de formar novas entradas lexicais ou não.

Entretanto, no modelo da Morfologia Distribuída, veremos que a morfologia derivacional, na verdade, é um processo sintático. Considera-se, então, que a flexão e a derivação têm comportamento e propriedades semelhantes. Por exemplo, assim como as flexões, como a forma “-s” que marca o plural de muitos nomes no português; as formas derivacionais “-do” e “-nte”, por exemplo, também aparecem regularmente em vários nomes que derivam de verbos como, por exemplo, “amado” e “amante” do verbo “amar”, “falado” e “falante” do verbo “falar”, entre outros.

Nas palavras de Marantz (1997), o lexicalismo “is dead, deceased, demised, no more, passed on...”, isto é, já está obsoleto e já não mais atende à complexidade das palavras principalmente no que concerne os domínios dos significados especiais, das regras fonológicas lexicais e das correspondências de som/significado que, inclusive, enrijecem o argumento da perspectiva construcionista. Entende-se aqui que as palavras deixariam de ter um *status* especial em relação ao seu lugar na gramática, ou seja, as palavras não seriam mais formadas dentro de um componente específico como o léxico, como é entendido no lexicalismo, e nem seriam operadas por mecanismos especiais<sup>2</sup>. A representação abaixo ilustra a estrutura da gramática baseada em um léxico computacional.

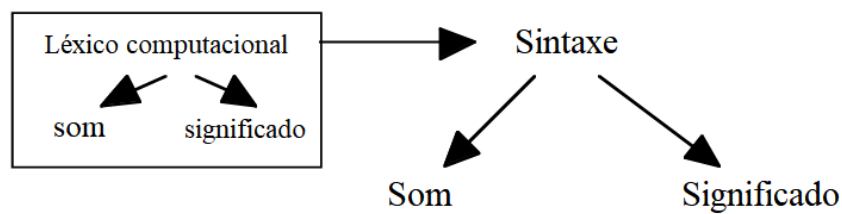


Figura 1: O léxico computacional adaptado de Marantz (1997)

Na visão minimalista, então, o léxico é o componente gerativo e assim como um dicionário, armazenaria todos os itens lexicais de uma língua. Estes itens, podendo ser até maiores que uma palavra fonológica<sup>3</sup>, já sairiam prontos desse repositório, isto é, contendo traços fonológicos e semânticos e, portanto, a sintaxe não seria capaz de manipulá-los internamente. A MD vai além, pois a partir de observações empíricas de dados que o próprio falante da língua pode atestar, postula que os átomos da operação sintática não são as palavras, pois estas são construídas através de mecanismos complexos que estão presentes na construção de sintagmas e de sentenças como concatenar, copiar e mover<sup>4</sup>.

<sup>2</sup>Alguns dos mecanismos lexicais especiais são do tipo *assemble features* (Ver Chomsky, 1997).

<sup>3</sup>Ver Marantz 1997 para mais detalhes sobre a palavra fonológica.

<sup>4</sup>Essas são operações específicas do componente sintático. Na visão lexicalista (Chomsky 2001), existem apenas duas operações: *internal merge* e *external merge*.



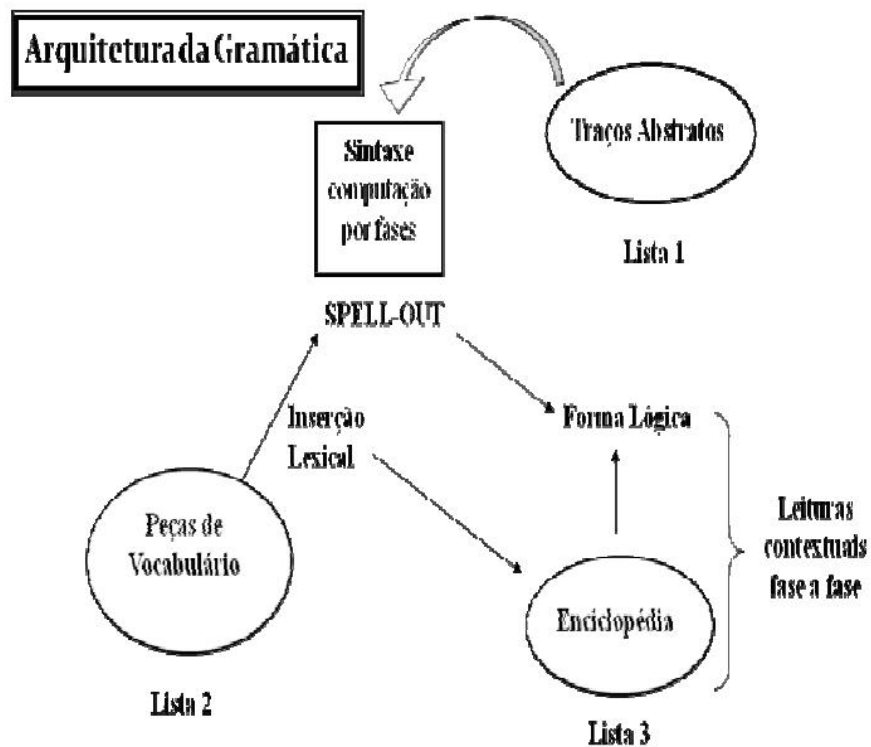


Figura 2: Arquitetura do sistema computacional da sintaxe (PEDERNEIRA, 2010)

Na MD, dentro de uma derivação sintática, termo técnico para designar o processo de formação de palavras, a menor unidade que o sistema computacional da sintaxe manipula são os traços abstratos que são entendidos como morfemas destituídos de fonologia. Nesse sentido, a arquitetura da gramática ganha um novo formato figura (2), visto que a construção de palavras também se tornaria incumbência da sintaxe, sendo assim, se estenderia até o interior das palavras, nos nós terminais. A ideia defendida aqui é de que as palavras seriam construções resultantes de processos de concatenação, em que uma raiz é juntada a morfemas categorizadores ao longo da derivação sintática. O que as palavras nos mostram, justamente, é que elas teriam esse nível de complexidade, como vemos, por exemplo, em ‘escolarização’, ‘nacionalismo’, ‘globalização’, ‘indivisibilidade’ etc. Isto porque são constituídas de diversas camadas morfêmicas, em que podemos, por exemplo, reconhecer, em “escolarização”, o nome “escola” que é a palavra-base, o adjetivo “escolar”, a forma verbalizadora “-izar” etc. Especificamente, a MD chama essas construções de palavras complexas.

As ideias apresentadas até aqui já ilustram algumas das propriedades próprias deste modelo e que são sumarizadas em Pederneira (2010):

[...] a inserção tardia, ou seja, se nas teorias lexicalistas os itens entram na computação já “formados”, com sua estrutura interna fechada às operações sintáticas e com conteúdo fonológico, na MD as categorias sintáticas são puramente abstratas, sem traços fonológicos; outra característica fundamental é a subespecificação, que significa que as expressões fonológicas não precisam ser plenamente especificadas para serem inseridas nos nós terminais da derivação sintática; finalmente, a estrutura sintática hierárquica *All the way down*. Isso que dizer que os nós terminais nos quais os itens de Vocabulário serão inseridos, se organizam em estruturas hierárquicas determinadas por princípios e operações da sintaxe. (PEDERNEIRA, 2010, p. 4)

Quanto à subespecificação, é importante enfatizar que a expressão fonológica, isto é, o item de vocabulário, não precisa conter todos os seus traços para que haja sua inserção nos nós terminais das palavras em uma derivação sintática. Entretanto, nesses casos, como a informação de traços é insuficiente, há uma competição entre os itens de Vocabulário, em que apenas o mais especificado consegue ganhar e, portanto, é escolhido para ser inserido no nó terminal correspondente. Um exemplo disso é o verbo ‘estava’ que no português só é especificado para tempo e não para pessoa, então, pode aparecer em contextos tanto de 1ª pessoa do singular quanto de 3ª pessoa do singular.

Esta teoria construcionista fundamenta-se em três argumentos (MEDEIROS, 2008) que vão ilustrar essa nova estrutura de gramática. O primeiro contra-argumenta a hipótese lexicalista, que como já apresentada, afirma que a sintaxe não atua na estrutura interna das palavras, isto é, não participa de seu processo de formação, pois está encarregada apenas de estruturas maiores que a palavra. A palavra, então, é considerada como um local onde podem ocorrer variados tipos de idiosincrasia, conferindo-lhes um *status* especial na gramática. Mas como Marantz (1997) mostra, os significados especiais são a evidência de que fonológica e morfologicamente as palavras não coincidem com os itens lexicais. Seguindo essa linha de pensamento baseada no lexema, em princípio, qualquer estrutura de qualquer tamanho poderia significar qualquer coisa, e, portanto, não seria possível estabelecer uma definição de palavra através de significados idiosincráticos, já que na verdade, esses significados não coincidem no nível da palavra.

O segundo argumento é contra as regras especiais que se aplicam às palavras. Isto porque não se encontra uma justificativa plausível para que tais unidades linguísticas adquiram um domínio especial na gramática, já que não demonstram ter um domínio especial para a semântica (LF) e para a sintaxe. Portanto, a sintaxe passaria a fornecer correspondências de som/significado não só aos sintagmas e as sentenças, mas também às palavras. Nesse sentido, a MD é um modelo econômico, pois a morfologia e a sintaxe não iriam se diferenciar nos mecanismos usados, pois eles são os mesmos (concatenar, mover e copiar).

O terceiro argumento diz respeito às formas subespecificadas. A MD fornece uma explicação para a aparição dessas unidades, que carecem de informações morfofonológicas, em variados contextos sintáticos como é o caso de ‘estava’ e da terminação “-do” do particípio passado do português<sup>5</sup>. Esses itens, portanto, seguem o Princípio do Subconjunto, isto é, não precisam ter suas informações morfossintáticas completas para serem inseridas nos nós terminais, podendo ter vários alomorfes. O que vai definir qual item que será inserido, em detrimento de outro, será a informação contextual.

No Lexicalismo, portanto, a morfologia e a sintaxe seriam componentes da gramática intangíveis. Os morfemas, o armazenamento de informações de conexões entre pedaços de estrutura sintática e o armazenamento de significados idiossincráticos estariam todos no mesmo local (o léxico) e a partir disso se formariam unidades de nível zero da sintaxe. A MD, então, rejeita a ideia de um único componente responsável pelo processo de formação de palavras e propõe que o léxico seja explodido em três listas, como apresentado na figura (2), permitindo a combinação de itens menores com maiores.

A proposta da MD de organizar os componentes em três listas e assim, substituindo o léxico do lexicalismo, possibilitaria que, de algum modo, o mesmo processo acontecesse para qualquer tipo de palavra, assim estabelecendo princípios sintáticos, em que tem como propósito dar conta não só do português, mas de quaisquer línguas do mundo. Assim, ocorreria também que um só componente gramatical como o léxico não precisaria comportar toda e qualquer palavra nova que surgisse em uma língua, não precisando onerar a memória humana. Isto porque se entende que o falante não seria capaz de decorar uma lista extensa de palavras ou expressões, mas, tendo em vista que este tem um conhecimento inato das regras

---

<sup>5</sup>Para mais exemplos de formas subespecificadas, ver Medeiros (2008).

de gramática da sua língua e, por isso, consegue fazer construções linguísticas como as dos dados coletados do *Twitter*, os quais serão vistos em seus variados contextos e analisados na próxima seção deste trabalho.

A primeira lista que vai fornecer os elementos para a sintaxe operar é a Lista 1, também chamada de Léxico Estrito, onde estão armazenados os traços abstratos, isto é, as raízes atômicas, que são peças que contêm apenas informação conceitual<sup>6</sup>, e os morfemas atômicos que têm função gramatical. Aqui, portanto, estão incluídos, por exemplo, os afixos dos nomes, as marcas temporais e de aspecto dos verbos, etc. Essa lista de elementos atômicos antecede a fonologia e por isso é considerada universal, assim dispostos pela Gramática Universal (GU), em que cada língua vai fazer um uso particular de um subconjunto de traços. Como é determinada por princípios sintáticos, considera-se uma lista gerativa.

Vale lembrar, portanto, que neste modelo teórico, a noção que o morfema adquire é diferente da vertente que se apoia em um léxico computacional. Neste último, considera-se uma definição clássica de morfema como uma unidade mínima de som e significado, sendo assim, considerado um bloco de construção atômico que serve apenas para a formação de palavras. Já na MD, o morfema é entendido como um feixe de traços abstratos que carrega tanto traços semânticos mínimos quanto traços gramaticais, porém desprovido de traços fonológicos, pois, como já dito, a inserção da fonologia só ocorre pós-sintaticamente. Dessa maneira, o morfema pode ser, por exemplo, o *vezinho*, isto é, um feixe de traço de categoria verbal ou um feixe de traço gramatical como de número para nomes (plural ou singular), etc.

Baseada no formato de gramática do Gerativismo, a novidade é que há um acréscimo de um nível intermediário entre a sintaxe e a fonologia: a Estrutura Morfológica (MS). Após saírem da sintaxe, os morfemas, isto é, os nós terminais são enviados para a Forma Lógica (LF) e para o componente morfológico (MS) por meio da operação *spell-out*<sup>7</sup>. A segunda lista chamada Lista 2 corresponde ao vocabulário. Os itens de Vocabulário (IV), portanto, são inseridos justamente nos nós que se resultam das operações morfológicas<sup>8</sup>. Neste momento, portanto, finalmente se estabelece um contexto para a inserção da fonologia através de regras

<sup>6</sup>A noção de raiz não é consenso entre os linguistas especialmente quando se trata da sua fonologia. Dentro da própria vertente construcionista, como visto na seção 2.1, há duas abordagens diversas em relação ao momento da inserção fonológica de itens de Vocabulário: a MD e a Exoesquelética (Borer 2003). Entretanto, para a MD, não lhe interessa saber se a raiz já contém conteúdo fonológico ou não.

<sup>7</sup>Spell-out faz referência a operação em que o morfema adquire uma expressão fonológica após sair da sintaxe. (Harley & Noyer 1999)

<sup>8</sup>As operações morfológicas que ocorrem nos nós sintáticos são concatenar, mover, apagar, acrescentar, fissionar. Nesse momento, a relação de um para um entre itens de vocabulário e morfemas pode ser afetada. (Harley & Noyer 1999; Halle & Marantz 1993)

estabelecidas pelas peças de Vocabulário. Logicamente, os IV adquirem uma expressão fonológica diferente para cada língua no mundo. Por exemplo, a Forma Fonológica (PF – *Phonological Form*) de um feixe de traços que expressa o futuro do presente de verbos, no português é a forma “-r-”, porém no inglês esse mesmo traço de aspecto-tempo é expresso pelo auxiliar “will”.

Para ocorrer a inserção de Itens de Vocabulário, é necessário que eles tenham algumas informações compatíveis, seja sintática, semântica ou fonológica - não são necessárias todas, como já vimos, através das formas subespecificadas, - com o nó terminal, o qual este já tem seus traços todos especificados. Esse processo, portanto, ocorre por fases<sup>9</sup> e a peça vocabular só é inserida em uma posição prevista pelo morfema. A fonologia das raízes também é determinada neste momento, se estas não possuírem conteúdo fonológico, e a sua concatenação com os morfemas categorizadores ocorre de forma livre desde que sejam licenciadas, isto é, respeitem as condições das relações estruturais com os locais de inserção de raízes.

Na concatenação da raiz com o primeiro morfema categorizador, negocia-se o significado que vai resultar na arbitrariedade do significado, como foi formulado pelo linguista Ferdinand Saussure. Isto significa dizer que esse primeiro significado não é motivado, isto é, não há uma razão que possa ser encontrada na relação de certo som com determinado significado. Isso explica a variação da expressão fonológica entre as línguas do mundo para o mesmo conceito.

A partir dessa primeira concatenação da raiz com o morfema, já é possível obter a categorização da palavra. Sendo assim, as raízes, se concatenadas em contexto nominal, isto é, com uma peça nominalizadora, se expressam na categoria de nome, e se mergidas com uma peça verbalizadora, se resultam em verbo. As outras concatenações seguintes iriam carregar essencialmente a mesma interpretação da palavra-base, na qual esta já pertence à enciclopédia.

O resultado dessa inserção do Vocabulário às raízes é enviado para a terceira lista que corresponde a Lista 3, também denominada de Enciclopédia. Essa lista expansível irá estabelecer uma correspondência arbitrária entre raízes (informação linguística) e significados (informação extralinguística) para assim formar o vocabulário de cada língua. Neste

---

<sup>9</sup> A MD é baseada no modelo de derivação por fases (ou ciclos) desenvolvido por Chomsky (2001), em que as palavras são resultados de merges de itens que são interpretados pelos componentes fonológico e semântico.

momento, outros morfemas categorizadores podem ser acrescentados e gerar uma mudança de significado que será computada como uma nova entrada enciclopédica. O significado das palavras derivadas em uma derivação sintática é interpretado de forma sistemática, isto é, a cada nova adição de morfema é computado um novo significado resultando na composição de significados, em que esta é um cálculo que pode ser previsto.

Nomes com significados convencionados no português como, por exemplo, ‘nação’ e ‘escola’ podem derivar outros significados que são calculados composicionalmente como outros nomes como ‘nacionalização’ e ‘escolarização’; os adjetivos como ‘nacional’ e ‘escolar’; os verbos ‘nacionalizar’ e ‘escolarizar’ etc. Entende-se, portanto, que o significado das palavras ‘nação’ e ‘escola’ é negociado e este mesmo significado arbitrário estará presente intrinsecamente nas palavras que se derivam a partir dele no resto da derivação.

Esta lista de interface conceitual, portanto, constrói e armazena os significados composicionais de palavras, isto é, significados formados a partir de um cálculo regular de suas partes componentes, e também as expressões idiomáticas. Quando uma palavra ou expressão não tem uma correspondência transparente de significado, ou seja, que não é um resultado de uma soma de suas partes, pois estas são desconhecidas, estamos tratando de idiomaticidade.

No Lexicalismo, as palavras já são consideradas “especiais” e todos os significados especiais de uma língua estariam alocados no léxico. Entretanto, como poderíamos explicar as expressões idiomáticas como ‘pagar mico’, ‘chutar o balde’ e ‘baixar a bola’? O Lexicalismo (JACKENDOFF, 1996 apud MARANTZ, 1997, p. 207). propõe que assim como esses significados especiais em estruturas maiores, que a palavra também seja armazenada no mesmo local. Dessa forma, qualquer estrutura de variados tamanhos poderiam ter significado especial e poderiam estar dispostas no léxico.

A MD, então, estabelece um limite para os significados especiais, pois, como visto pelos exemplos, os significados idiossincráticos não coincidem no nível da palavra. Defende-se aqui que, na verdade, os significados especiais estão dentro de domínios de localidade definidos sintaticamente que podem ser menores que uma palavra. Sob essa perspectiva, as raízes também podem ter um significado especial. A estrutura ‘safadeza’ [[[safã]v d] eza]n (PEDERNEIRA, AQUINO e LEMLE, 2021), por exemplo, demonstra que uma palavra pode ser reanalisada, o que quer dizer que não há uma correspondência regular entre a forma e a leitura, e por isso é considerada uma idiomatização.

As expressões idiomáticas, portanto, não só existem no nível dos sintagmas e das sentenças, mas também nas palavras. Outro caso, no português, é de palavras como ‘restaurante’, ‘governanta’, ‘rebolar’, entre outras. Nessas palavras, não é possível derivá-las no sentido de realizar um cálculo entre as partes componentes de modo que se preveja o seu significado. Portanto, ao analisar a palavra ‘rebolar’, por exemplo, separando em partes menores [re[[bola]r], chegaríamos a algum significado relacionado a palavra-base ‘bola’ e não ao significado mais comumente usado de “mexer os quadris”. A previsão de um significado de uma palavra sem o cálculo de suas partes só seria possível se o falante tivesse certo conhecimento etimológico, no entanto, isto não é o caso da maioria dos falantes. Ao contrário disso, é necessário que o falante aprenda os significados idiossincráticos a partir dos dados inseridos em contextos sintáticos específicos.

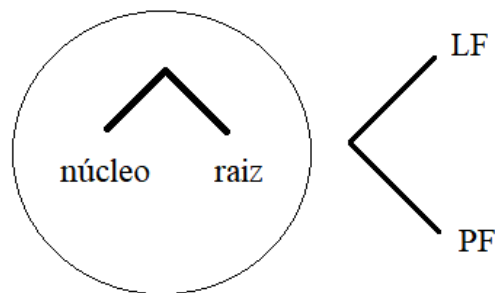
Alguns linguistas vão fornecer uma explicação diferente para os significados especiais em palavras (PEDERNEIRA, 2010). No modelo da MD, argumenta-se que essas palavras são resultados de diferentes categorizações de cada raiz, isto é, elas decorrem de processos derivacionais diferentes. Portanto, há duas possibilidades de interpretação dessas palavras: A palavra restaurante, por exemplo, pode ser analisada como [[refrigera]nte], onde a raiz se combina com um verbalizador, resultando no verbo ‘refrigerar’ e mais uma terminação nominalizadora ‘-nte’. Ou pode ser interpretada como [refriger + ante], onde a raiz é concatenada apenas com o sufixo nominalizador –nte. Nesse caso, o falante fez uma reanálise da estrutura, por isso a raiz não é a mesma do verbo ‘refrigerar’.

Na visão lexicalista, há uma distinção de significados de palavras derivadas e significados especiais de sintagmas, porém Marantz (1997) argumenta que não haveria uma justificativa plausível para tal. Na verdade, o que notamos é que as palavras especiais apresentam as mesmas propriedades que os sintagmas idiomáticos, como nas construções com verbos leves, os quais são verbos que não possuem uma semântica plena e por isso podem ser usados em vários contextos. Temos o verbo ‘pegar’, por exemplo, que vai servir para entendermos um pouco mais o fenômeno da polissemia dentro dessa perspectiva:

- (1) a. Peguei uma gripe ontem
- b. Ele pegou um táxi
- c. Maria pegou os papéis com o chefe
- d. O carro não pegou

Na MD, portanto, existem três tipos de leitura possíveis de significados que se baseiam em ciclos diferentes da derivação (MARANTZ, 2001): A primeira é a leitura arbitrária, que corresponde à primeira concatenação da derivação sintática, isto é, do merge do núcleo, da raiz e o primeiro morfema categorizador. O resultado disto é enviado para interpretação de LF para adquirir significado e para PF para adquirir som:

Figura 3: Leitura arbitrária

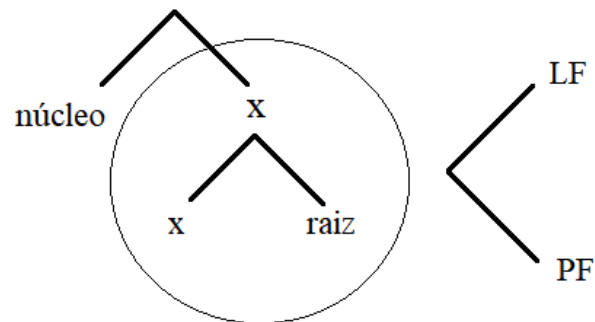


Fonte: Elaboração própria

A outra é a leitura composicional, que se forma a partir da leitura arbitrária, isto é, do primeiro ciclo da derivação mais outro morfema categorizador, gerando um segundo ciclo. Sendo assim, a partir da primeira concatenação, o significado segue uma regularidade.



Figura 4: Leitura composicional



Fonte: Elaboração própria

A outra leitura de fase que se faz de apenas um nó  $n$  projetado, sem considerar outros contextos, chama-se leitura idiomática.

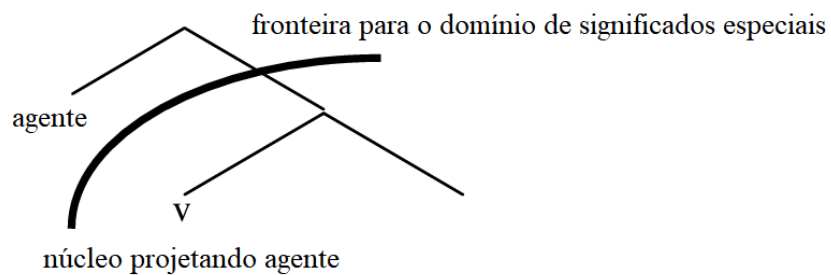


Figura 5: Leitura idiomática adaptado de Marantz (2007)

Como mostra a figura (5), um domínio de localidade para significados especiais é menor que uma palavra fonológica, pois sua estrutura interna pode conter diversos núcleos

funcionais e morfemas gramaticais. Isto quer dizer que um item lexical<sup>10</sup> não poderia ser uma palavra fonológica. Marantz (1997) sumariza a ideia: “Na verdade, os domínios de localidade para significados especiais atravessam a Palavra, algumas vezes esculpindo estruturas menores que uma Palavra, e outras vezes, estruturas maiores.” (tradução minha).

O significado especial só estaria dentro do domínio de localidade. O agente (5), portanto, não faria parte da mesma leitura de fase, pois o núcleo que o projeta define o limite da leitura idiomática. Destarte, nada além desse limite serviria de contexto para o significado especial. Entende-se que as expressões idiomáticas podem ter variados argumentos internos, mas não podem ter argumentos externos fixos.

Pode-se entender até aqui que o sistema computacional da sintaxe é baseado em uma derivação por fases (ou ciclos). Essa concepção não é uma novidade dos modelos construcionistas, já que foi formulada por Chomsky em seu trabalho “Derivation by Phase” (2001). Entretanto, como visto nas seções anteriores, Chomsky, como lexicalista, vai restringir essa ideia aos sintagmas e as sentenças ao considerar apenas a equação entre fases e unidades linguísticas que têm *status* independente, isto é, com som e significado independentes, as quais considera que sejam estruturas de eventos e complementizadores (CP).

A novidade é que a MD (MARANTZ, 2007) considera que as palavras também são fases, isto é, um merge de itens. Alguns dos argumentos para tal postulação são o comportamento de verbos de alternância transitiva como o verbo em inglês *break* e a concordância a longa distância de objetos nominativos de verbos inacusativos do islandês<sup>11</sup>. Os estudos mostram que VPs inacusativos podem ser tratados da mesma forma que VP transitivos, pois ambos licenciam constituintes dentro de VPs, portanto, são considerados núcleos de fase.

---

<sup>10</sup>Na MD, não se pode dizer que existe um item lexical, porque nada se realiza no léxico ou é ‘lexicalizado’. (HARLEY & NOYER, 1999)

<sup>11</sup>Conferir Marantz 2007 para a discussão com exemplos sobre alternâncias transitivas/incoativas de verbos e concordância a longa distância.

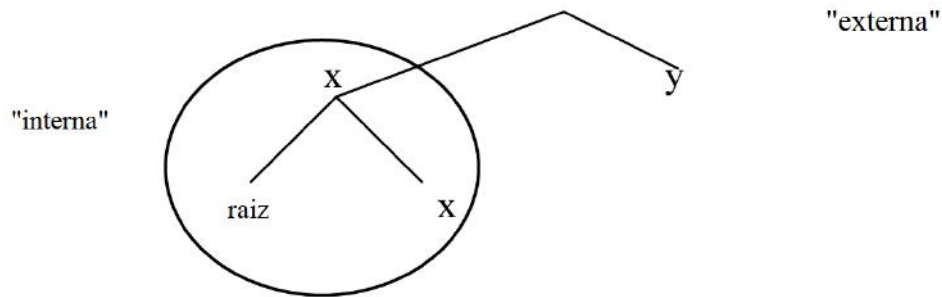


Figura 6: representação dos domínios da palavra adaptado de Marantz (2007)

Assume-se aqui que aquilo que seriam os núcleos “lexicais”, isto é, núcleos formadores de palavras (nome, verbo, adjetivo etc), são na verdade, “núcleos pequeno x”, sendo x qualquer categoria gramatical, que determinam uma fase e conseqüentemente resultaria em uma derivação acima e abaixo do nível da palavra. Destarte, assenta-se uma diferença importante entre a morfologia interna e a morfologia externa das palavras que se apoia na estrutura abaixo do núcleo (6). Sobre a primeira, considera-se que é uma formação abaixo do primeiro núcleo de fase “pequeno x”, que se anexa a uma raiz ou a outro constituinte complexo. A segunda se refere a toda formação acima do primeiro núcleo de fase, isto é, quando o primeiro núcleo determinante de categoria se combina com mais outro constituinte.

As palavras, portanto, são compostas de, pelo menos, dois domínios: um é o domínio da raiz, onde se combina uma raiz a um morfema e outro é o domínio mais externo, em que se anexa núcleos funcionais categorizadores (N, V, Adj) formando “pequenos x’s”, o qual determina a categoria sintática da palavra. Produtos da manipulação da sintaxe, as palavras complexas ou derivadas são exemplos de composição com várias camadas morfêmicas, isto é, várias fases dentro de uma só palavra.

## 2 METODOLOGIA

O objetivo dessa análise é justamente demonstrar como o falante nativo faz a adaptação e incorporação de uma palavra estrangeira na sua forma como também quanto ao

seu significado para a gramática da língua portuguesa através de um levantamento de dados encontrados nas redes sociais, principalmente no *Twitter*. Para essa análise, também foi feito uso do dicionário *Oxford* para a tradução dos termos em seus contextos originais. Os dados estão dispostos em três listas, em que se pretende distinguir o *corpus* referente aos empréstimos em dois grupos tendo em vista três propriedades: diferentes leituras semânticas, formas fonológicas e contextos sintáticos. Entende-se aqui que mesmo os empréstimos sem expressão fonológica, como o caso do primeiro grupo, são interpretados pelo falante.

Acredita-se que, por meio desse método, será possível evidenciar como o falante faz a percepção de formas dentro das palavras de outra língua e, portanto, consegue aplicar as regras gramaticais do português, realizando recortes, categorizações e negociações e renegociações de significados, a fim de adaptá-las e incorporá-las na gramática da língua portuguesa.

### 3 OS CORPORA

A maioria dos dados aqui encontrado foi retirado do *Twitter*, tendo em vista que é uma das redes sociais mais populares do mundo que dispõe de uma grande exposição de textos escritos de forma mais natural pelos falantes. Destarte, o *corpus* é composto por criações de palavras feitas pelos próprios usuários, falantes de língua portuguesa, em que é perceptível sua produtividade em novos contextos sintáticos específicos. Portanto, nessa seção, me dedicarei a apresentar uma análise qualitativa para essas palavras novas formadas a partir do fenômeno do empréstimo segundo a perspectiva da Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997), que considera que as palavras não são já constituídas de todas as informações gramaticais, fonológicas e semânticas, mas são resultados de um processo de derivação em que uma raiz se concatena com morfemas categorizadores por meio do componente sintático da gramática.

Essa visão construcionista da palavra será fundamental para entender um fenômeno como o empréstimo, em que as palavras emprestadas serão aqui analisadas quanto a seu comportamento morfossintático e levando em consideração principalmente o critério fonológico. Para a análise, portanto, os dados foram divididos em dois tipos: palavras emprestadas diretamente do inglês e palavras inglesas que foram adaptadas para a fonologia do português brasileiro (PB).

**Tabela 1:** Empréstimos

<b>Palavras que vieram diretamente de uma língua estrangeira</b>	<b>Palavras de origem inglesa adaptadas para a fonologia do português (PB)</b>
old	Instagramar
exposed	tuitar
cringe	flopar
hype	shippar
fake	hitar
stan	tankar
gore	flodar
icon	dropar
header	stanear
block	linkar
thread	upar
edit	farmar
hashtag	logar
loop	tiltar
	fanfícar

**Fonte:** Criação própria.

#### **4 ANÁLISE**

O empréstimo normalmente é visto como um dos mecanismos para formação de palavras de uma língua. Segundo Pederneira, Aquino e Lemle (2021), o empréstimo de palavra é um fenômeno comum entre todas as línguas naturais, sobretudo, porque é resultado do contato entre elas, e por isso, provavelmente, não existe uma língua no mundo que seja completamente isenta de palavras emprestadas de outra(s) língua(s). Destarte, por ser um fenômeno comum, o empréstimo pode ser explicado sob diversas abordagens.

Dentro do quadro teórico da MD (MARANTZ, 1997, HARLEY & NOYER 1999), as palavras são resultados de concatenações de uma raiz com morfemas. Como já visto na seção anterior, as raízes são elementos atômicos da derivação que não contêm informação gramatical e semântica. Essa concepção é fundamental para entender a aparição das palavras emprestadas em diversos contextos sintáticos, até mesmo diferentes daqueles da língua de partida, que no caso, é o inglês. Isso significa que, por ainda não possuírem sua categoria gramatical definida antes da primeira concatenação, não há restrições para as raízes, no sentido de que estas podem se anexar a qualquer nó terminal categorizador (N,V,A) e formar palavras de quaisquer categorias gramaticais. Por isso, podemos observar, no português, a existência de palavras que compartilham a mesma raiz como *escola*, *escolar*, *escolarização* etc.

Entender como ocorre a incorporação de empréstimos nos ajuda a ter uma consciência maior sobre a própria estrutura da nossa língua e que somos capazes de adaptá-la para nossos fins comunicativos. Portanto, as razões pelas quais o falante cria palavras por meio de empréstimos podem ser variadas. Entre elas, está o fato de que a língua nem sempre será rica o suficiente para nomear a todo momento qualquer coisa que exista no mundo e por isso, quando os falantes sentem necessidade, acabam recorrendo a outras línguas que já dispõem de termos para isso.

Desta maneira, os usuários falantes da língua portuguesa provavelmente foram influenciados pelos termos em inglês utilizados no *Twitter* e assim fizeram uma adaptação para a gramática do português. Pelo fato de que o inglês é a língua franca do mundo, portanto, o contato é mais frequente, e sobretudo, por conta de muitos recursos do *Twitter* que têm sua terminologia em inglês que, na maioria das vezes, não têm correspondentes no português, a que se devem esses empréstimos.

Além disso, há palavras que não estão necessariamente relacionadas às funções do *Twitter*, mas que também são incorporadas pelos usuários falantes de língua portuguesa, podendo ser por motivos de *memes* ou somente porque no português não há uma palavra correspondente suficiente que traduza seu significado.

Pode-se entender até aqui, na perspectiva da MD, que o único elemento incorporado para a gramática da língua alvo é a raiz. O falante apenas faz uma adaptação dessa raiz estrangeira através da aplicação de categorizações e regras gramaticais de sua língua.

Portanto, pode-se dizer que as palavras emprestadas derivam de um processo de concatenação da raiz original da língua de partida com peças de Vocabulário da língua alvo.

#### 4.1 Raízes como palavras diretamente emprestadas

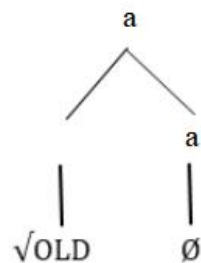
O primeiro grupo de empréstimos analisado é das palavras na língua portuguesa que vieram diretamente do inglês, ou como também pode ser chamado de “empréstimo de raiz”. Uma palavra emprestada de uma língua, no caso o inglês, chega como raiz na língua recipiente, no caso o português. Essa raiz pode ser concatenada com qualquer morfema categorizador e este não precisa ter expressão fonológica do item de Vocabulário do português. Isto quer dizer que as palavras emprestadas que apresentam zero fonológico ( $\emptyset$ ) também são incorporadas na gramática da língua portuguesa. Pretende-se, portanto, demonstrar o comportamento morfossintático dessas formas linguísticas que se caracterizam principalmente por serem fonologicamente nulas. Em sua maioria são nomes e adjetivos do inglês que ao serem incorporados no português podem admitir outras derivações.

##### 4.1.1 Old

*Old* é um termo de origem inglesa e tem o significado comum de ‘velho, antigo’ e pode adjetivar nomes como em *She is too old for me* (ela é muito velha para mim), *a very old place* (um lugar muito antigo), e também pode aparecer em contexto de nome: *the old people* (as pessoas velhas/os idosos).

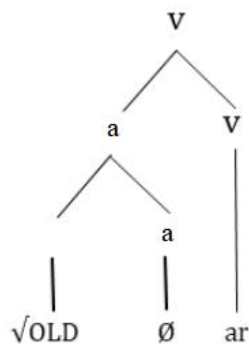
No português, o empréstimo *old* tem a mesma fonologia da palavra inglesa, entretanto é sinônimo de óbvio e se refere a um fato conhecido por todos. Essa raiz é concatenada a um morfema de adjetivo com expressão fonologicamente nula e geralmente encabeça uma sentença com o complementizador ‘que’ como em: *old que ele vai reprovar na prova, old que vou torcer para o Brasil*. Na rede social, *old* pode ainda derivar outro contexto com o mesmo sentido se mergido a um verbalizador resultando na forma ‘oldar’ que pode ser conjugada em todos os modos e tempos, como em: *oldou demais, oldei mesmo*.

Figura 7: árvore sintática do adjetivo old



Fonte: Elaboração própria

Figura 8: árvore sintática do verbo oldar



Fonte: Elaboração própria

#### 4.1.2 Exposed

A palavra *exposed* é emprestada do verbo inglês *to expose* que significa ‘expor algo ou alguém’, ‘expor-se’. Essa forma pode ser um particípio passado como em *many people have been exposed to covid* (muitas pessoas foram expostas à covid), *she felt exposed by her co-worker* (ela se sentiu exposta por seu colega de trabalho); ou um adjetivo como em *he covered his exposed chest* (ele cobriu seu peito exposto).



No português brasileiro (PB), a raiz adquire o significado de “revelar algo negativo sobre alguém”, “fazer uma grande revelação na internet” quando concatenada a um núcleo de nome como em *vão fazer um exposed desse artista, você viu o exposed da Anitta?* Como visto, os determinantes que acompanham o núcleo, como os artigos ‘um’ e ‘o’, explicitam esse contexto nominal.

É interessante observar que essa palavra complexa, apesar de sua raiz ter a mesma expressão fonológica da palavra inglesa, adota um contexto que não existe para essa forma no inglês, como o nominal. Isso evidencia o pressuposto para a derivação lexical de empréstimos que somente as raízes são importadas para a língua alvo, e como não carregam informação gramatical, podem adquirir categorias gramaticais diferentes da língua de partida. Portanto, como observado até aqui, as palavras emprestadas não precisam conter todos os contextos sintáticos provenientes do inglês.

Uma evidência da incorporação dessa raiz é a forma pluralizada que também se encontra na internet como em *sairam vários exposeds dessa blogueira*.

#### 4.1.3 Cringe

O empréstimo *cringe* advém do vocábulo em inglês *to cringe* e tem sentido de ‘encolher-se (de medo)’ ou ainda, tem o sentido particular de ‘morrer de vergonha’. Portanto, pode ser um verbo: *I cringed hard when i saw this* (eu morri de vergonha quando eu vi isso), *this made me cringe hard* (isso me fez sentir muito constrangido); e também pode derivar um adjetivo: *i can't stand cringe memes* (eu não consigo lidar com memes vergonhosos), *I find it cringe* (eu acho isso vergonhoso).

Ao ser incorporado na gramática do português, a palavra ainda adota o mesmo significado da palavra inglesa quando categorizada com  $\emptyset$  em contexto adjetival: *Isso foi meio cringe, a legenda foi mais cringe que a foto*. Percebe-se que essa raiz foi adquirida pela morfossintaxe do português pela sua forma no plural como em *momentos cringes*.

#### 4.1.4 Hype

Em inglês, a palavra *hype* se origina da palavra *hyperbole* que traduzido significa ‘hipérbole’<sup>12</sup>. Era um termo geralmente relacionado ao campo da publicidade, pois se refere às propagandas exageradas. Na internet, a palavra é reidiomatizada, isto é, o usuário faz uma reanálise da sua estrutura que passa a ter o sentido de ‘assuntos ou coisas que estão em tendência’, ou ‘o entusiasmo de alguém sobre algo’, ou ainda, pode significar a ‘adoração, veneração por alguém ou algo’.

Na gramática inglesa, portanto, pode aparecer em contexto nominal como em *i will never understand the hype about Taylor Swift* (eu nunca vou entender a veneração por Taylor Swift), *this band is not worth the hype* (essa banda não vale a veneração); ou como adjetivo: *I'm so hype about this* (eu estou tão animado para isso). A palavra ainda é categorizada como verbo *to hype* como em *let's hype the party* (vamos animar a festa), *i will hype anything about her* (eu vou adorar qualquer coisa sobre ela).

No português, apesar da palavra *hype* não ter a fonologia expressa de nome, aparece em contexto nominal derivando o mesmo sentido como em *essa série perdeu todo o hype, não assisto nada que está no hype*. A raiz √HYPE pode ainda derivar o contexto verbal quando se adequa às regras gramaticais do português aplicadas aos verbos como em: *hypei para o jogo do Brasil contra a Coréia, a galera me hypou muito*.

A incorporação de √HYPE pode ser evidenciada através da forma derivada do empréstimo como o adjetivo *hypado*, que se realiza fonologicamente através da peça adjetivadora ‘-ado’, que no português, é bastante produtiva e frequentemente observada em adjetivos derivados de verbos como ‘amado’, ‘encantado’, ‘desesperado’ etc. Como exemplo, temos: *usar termos em inglês é muito hypado*.

#### 4.1.5 Fake

Em inglês, o verbo *to fake* de regência transitiva e intransitiva deriva o adjetivo *fake* que admite a acepção de ‘falso’ e é categorizado como nome, pode derivar o significado de ‘imitação’. Em contexto de adjetivo, por exemplo, temos: *he is such a fake person* (ele é uma pessoa tão falsa). Na língua portuguesa, o sentido se mantém, uma vez que há a preservação

<sup>12</sup>Ver entrada em <https://www.dicionariopopular.com/hype-hypado/>

do contexto de adjetivo como em *eu espero que isso seja fake, a internet está cheia de perfis fakes*. Nesse último exemplo fica evidente, através da forma plural -s, que a raiz foi importada e concatenada com uma peça vocabular do português.

#### 4.1.6 Stan

Segundo o dicionário inglês, a palavra *stan* foi originalmente usada pelo rapper americano Eminem em sua canção de mesmo nome ‘stan’ com o sentido de ‘fã obcecado de alguém ou algo’. Como verbo, *to stan* adquire o significado de ‘admirar excessivamente, idolatrar ou ser obcecado com alguém ou algo’<sup>13</sup>. Portanto, pode aparecer em contextos verbais como em *I will never stan another idol ever again* (eu nunca mais vou venerar outro ídolo), *just stan her already* (apenas a apoie logo); e também em contextos nominais como: *i don’t get stan twitter* (eu não entendo os fãs obcecados do twitter), *this is my stan list* (essa é a lista das minhas obsessões).

Através dos usuários falantes da língua portuguesa, o empréstimo *stan* é usado em contexto nominal como, por exemplo, em *ele tem milhares de stans no Brasil, sou stan de vários cantores*. E ainda, a raiz pode ser combinada com um morfema prototípico de verbos que derivam de nomes no português como em ‘espernear’, resultando no verbo *staneear*. Esse verbo com regência DP\_DP tem como exemplos: *comecei a staneear essa cantora ontem, eu já staneiei muitas séries da Netflix*.

#### 4.1.7 Gore

A palavra *gore*, como aponta o dicionário inglês, tem relação semântica com ‘sangue coagulado’ e pode se referir a alguma ação nojenta, repulsiva, que envolva sangue. Esse significado tem origem nos filmes de gênero de terror e de zumbi, pois faz referência a cenas com muita exposição de sangue resultado de uma ação violenta<sup>14</sup>. Pode se apresentar na forma

---

<sup>13</sup>Consultado em <https://www.rollingstone.com/music/music-news/eminem-stan-merriam-websters-dictionary-entry-826557/>

<sup>14</sup>Ver entrada em <https://www.vocabulary.com/dictionary/gore>

nominal como em *he was disgusted by the gore* (ele ficou enojado com o sangue), *we need to find a good gore artist* (nós precisamos achar um bom artista do gênero de terror).

Em português, o significado da raiz *gore* é preservado e, portanto, também seu contexto nominal como em *estou vendo gore pesado com ela, ele mandava gore todo dia no grupo da família*; porém  $\sqrt{\text{GORE}}$  também pode ser categorizada como adjetivo, ou seja, pode aparecer em um contexto inexistente na língua inglesa para essa raiz, como em: *ela é tão gore, eu acho gore tomar banho descalço*. Nesse sentido, o significado não está necessariamente relacionado a sangue ou a um ato violento, mas pode ser entendido como algo ou alguém que te causa nojo. Os usuários das redes sociais ainda fazem uso desse termo como uma espécie de aviso para conteúdos sensíveis, ou seja, para alertar as pessoas sobre o conteúdo repulsivo que certos *tweets* podem causar às pessoas.

#### 4.1.8 Icon

No sentido original do inglês, a palavra *icon* é traduzida como ‘ícone’ e faz referência a ‘algo ou alguém que é considerado símbolo representativo’ ou, como é comumente adotado, ‘pessoa ou coisa que é admirada, adorada por muitos’. No português do Brasil, os falantes normalmente fazem uso da raiz  $\sqrt{\text{ICON}}$  em contexto de nome para referenciar um dos recursos do *Twitter* que permite definir uma imagem como foto do perfil da conta, como se vê em *preciso trocar o icon, vamos combinar os icons da próxima vez? mandarei alguns icons dos meus artistas favoritos*.

#### 4.1.9 Header

O termo *header*, em inglês, tem relação semântica com o nome *head*, mas é normalmente entendido como termo da informática para designar um elemento introdutório da estrutura de HTML (*Hypertext Markup Language*) que toda página deve ter<sup>15</sup>. No *Twitter*, assim como *icon*, a palavra *header* faz referência a um recurso dessa rede social que também

---

<sup>15</sup>Conferir termo em  
<https://www.geeksforgeeks.org/html5-header-tag/#:~:text=The%20tag%20in%20HTML,but%20this%20is%20not%20required.>

adota o sentido de imagem para o perfil, porém essa foto é parte do ‘cabeçalho’ do perfil, ou seja, está disposta logo no começo da página.

Destarte, não há uma tradução exata para essa palavra no português e há uma manutenção do contexto nominal, que deriva o mesmo sentido do inglês, por exemplo: *os headers estão lindos, imagina ser o header de alguém.*

#### 4.1.10 Block

O nome *block*, em inglês, deriva do verbo *to block*, portanto, sua estrutura sintática é [block]v)n. Em contexto nominal, pode abranger vários significados como ‘bloco (de gelo, pedra etc)’, ‘quarteirão’, ‘bloco de edifício’ e ainda ‘obstáculo, impedimento’. Em contexto de VP transitivo, significa ‘obstruir’, ‘bloquear’, ‘tapar’ etc.

Na gramática do português, a palavra *block* tem seu significado negociado quando categorizado como nome, portanto, adota um significado especial relacionado a uma ‘função que impede o acesso de contas por certo período de tempo, se violadas as regras de segurança’. Isso pode ser feito por meio de denúncias dos próprios usuários que também podem bloquear contas com conteúdo indesejado. Para exemplificar, tem-se: *tive que dar block nesse garoto chato, dou block em quem coloca gore na dm<sup>16</sup>, ela ganhou muitos blocks hoje.*

#### 4.1.11 Thread

A palavra *thread* pode adquirir duas categorias na gramática da língua inglesa: nome e verbo. Em contexto nominal, originalmente significa ‘fio’ e em contexto verbal *to thread* significa ‘colocar linha em’ ou ‘colocar em um fio’. No *Twitter*, a palavra se associa ao sentido de conjunto de *tweets* que se segue em uma ordem linear. Em princípio, esse sentido poderia estar associado à acepção original, pois são vários tweets dispostos juntos seguindo uma linha de raciocínio a fim de formar um texto maior já que os caracteres por *tweet* são

---

<sup>16</sup>DirectMessage (DM) é um recurso do Twitter que permite o usuário enviar mensagens privadas para outro usuário com fotos, vídeos, links etc.

limitados. No português, o empréstimo *thread* é categorizado somente como nome: *se você é fã dessa atriz abra a thread, segue a thread com os icons da cantora*.

#### 4.1.12 Edit

No dicionário inglês, o verbo *to edit* tem o sentido original de ‘editar’, ‘revisar um texto’. Na língua portuguesa, o empréstimo *edit* deriva um novo contexto sintático não existente na gramática inglesa, portanto, reforça o pressuposto de que somente a raiz estrangeira é importada sem nenhum conteúdo gramatical. A palavra, então, ganha outro significado que é mais comumente usado por pessoas mais jovens de ‘edição de fotos ou vídeos geralmente com uma música de fundo’.

A raiz  $\sqrt{\text{EDIT}}$  é inserida a um nó terminal nominalizador, como se vê nos exemplos: *eu não gosto desse tipo de edit, os edits de ships sempre parecem reais, vou fazer um edit da minha série favorita*.

#### 4.1.13 Hashtag

Outra palavra de origem inglesa frequentemente usada nas redes sociais é *hashtag* e geralmente é precedida por um símbolo de mesmo nome (#). A tradução literal do termo é ‘etiqueta’ e se refere à palavra categorizada por assunto, que se tornando *hiperlink*, permite ao usuário encontrar mais facilmente publicações sobre conteúdos de seu interesse. Na língua portuguesa, a raiz importada  $\sqrt{\text{HASHTAG}}$  é encontrada em contexto nominal como em: *não iremos levantar hashtags hoje em respeito às vítimas da guerra na Ucrânia*.

#### 4.1.14 Loop

O termo inglês *loop* pode ser aplicado em contexto de nome, como em *a loop of string* (um laço de corda) ou em contexto de núcleo *vezinho to loop* como em *she looped the strap over her shoulder* (ela passou a alça por cima do ombro). Entretanto, no português, a palavra renegocia o significado para ‘assistir algo repetidamente’, e o contexto nominal se mantém

como, por exemplo: *o loop desse edit ficou muito bom*; porém aparece mais frequentemente em contexto adverbial como em: *parece que estou vivendo em um loop infinito, vou deixar as músicas no loop, estou em loop com esse vídeo*.

## 4.2 Palavras emprestadas com adaptação à fonologia do PB

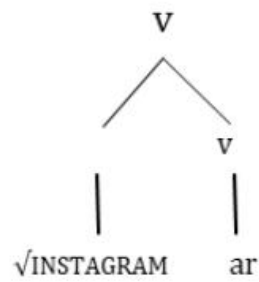
Esse grupo trata propriamente das palavras emprestadas com as marcas fonológicas do português brasileiro (PB) presentes com maior frequência, talvez por já serem mais comumente e amplamente utilizadas na língua. Esta não é propriamente uma motivação linguística para a subdivisão, mas metodológica. Como vimos no primeiro grupo, alguns empréstimos são capazes de derivar outras formas por meio da aplicação das regras gramaticais da língua portuguesa. Pretende-se analisar o comportamento morfossintático dessas palavras que são resultados de uma concatenação da raiz importada com peças vocabulares da gramática do português, portanto, sua realização fonológica categorial é expressa. Em sua maioria, os empréstimos encontrados derivam verbos e adjetivos (derivados de verbos) ou outros nomes.

### 4.2.1 Instagramar

Termo referente a rede social *Instagram*, é produto do processo de importação da raiz  $\sqrt{\text{INSTAGRAM}}$  e sua concatenação com traços morfossintáticos característicos de verbos do português da 1ª conjugação como ‘amar’, ‘agradar’, ‘suportar’ etc. Seu significado pode ser entendido como ‘postar foto no Instagram’ ou ‘tornar algo passível de ser postado no Instagram’ como nos exemplos: *amo instagramar comida, já instagramei a foto de ontem*.

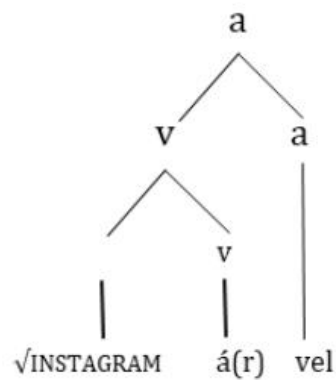
No português, essa raiz chega como nome e é frequentemente usado em contextos que fazem referência à rede social, a qual se caracteriza principalmente pelo compartilhamento de fotos e vídeos. Como visto, pode derivar a forma verbal que rege um argumento interno DP e também é capaz de derivar o contexto adjetival ‘instagramável’ por meio da combinação da raiz com a forma -vel, seguindo o protótipo de adjetivos derivados de verbos como ‘amável’, ‘agradável’, ‘suportável’ etc. Como exemplos, temos: *panqueca instagramável, estar deprimido não é instagramável*.

Figura 9: árvore sintática de instagramar



Fonte: Elaboração própria

Figura 10: árvore sintática de instagramável



Fonte: Elaboração própria

#### 4.2.2 Tuitar

A palavra *tuíte* é derivada do empréstimo do termo inglês *tweet*. Na gramática da língua portuguesa, o significado do empréstimo é o mesmo da palavra de origem que se refere às publicações feitas por usuários no *Twitter*. A palavra adquire expressão apenas na categoria de nome como em: *postei um tuíte hoje*.



Essa mesma raiz deriva ainda o verbo *tuitar* que possui um correspondente em inglês *to tweet*. Como exemplo, temos: *ela nunca tuitou algo tão sincero antes*.

O nome original *tweet* também é incorporado pelos usuários falantes de língua portuguesa e assim como *tuíte*, aparece em contexto nominal como em *ultimamente só tem tweets sobre a Copa do Mundo*. A raiz *tweet* também pode ser concatenada a um nó verbalizador com expressão fonológica como em: *eu tweetei muito ontem*.

#### 4.2.3 Flopar

O verbo de VP transitivo *flopar* é uma adaptação da gramática do português para o verbo inglês *to flop*, que originalmente tem o sentido de ‘cair, despencar’. Na internet, é uma palavra muito comumente usada por jovens como sinônimo de fracasso ou se refere a algo que não corresponde às expectativas<sup>17</sup>. Por exemplo: *meus tweets sempre flopam, esse feriado flopou minha dieta*.

A raiz *flop* também pode derivar o nome *flop* quando combinada a um nominalizador como em *o álbum novo da Anitta foi o maior flop do ano, estou na minha era flop*; e se concatenado a uma peça adjetival, pode derivar a forma *flopado*: *os filmes da Marvel estão muito flopados, essa black friday está meio flopada*. Percebe-se que esse adjetivo segue o padrão de comportamento dos adjetivos do português, isto é, também concorda em número e gênero com o nome.

#### 4.2.4 Shippar

*Shippar* tem origem no verbo inglês *to ship* que é uma abreviação de *relationship*<sup>18</sup>. Na internet, esse termo inicialmente foi relacionado às histórias de *fanfic* e tem o sentido de ‘torcer para um casal (geralmente fictício)’ ou ‘apoiar o relacionamento de alguém’. Para exemplificar esse verbo que admite várias regências, temos: *eu shippo essa atriz com o protagonista, eu já shippei errado, eu shippo esses dois*. E como todo verbo em português, também apresenta um particípio passado como em: *eu já tinha shippado esses dois*.

---

<sup>17</sup>Ver entrada em <https://www.significados.com.br/flop/>

<sup>18</sup>Conferir entrada em <https://www.significados.com.br/shippar/>

No português, a raiz emprestada √SHIP pode ser anexada a muitos morfemas categorizadores, os quais em sua maioria mantêm os contextos originais do inglês. Portanto, também aparece em contexto nominal como em: *meu ship flopou na série*; e se combinado com o morfema –ado, o contexto adjetival é derivado como em: *eles são o casal mais shippado da série*.

A partir de *shippar*, deriva-se também o nome *shipper*, que se refere a uma pessoa fã de *ship(s)*. Um comportamento linguístico frequente dos *shippers* é fazer combinações com os nomes das pessoas envolvidas de uma série, livro etc, como por exemplo: *ainda existem shippers de Delena*<sup>19</sup>?

#### 4.2.5 Hitar

A palavra *hitar* entra na língua portuguesa por meio do empréstimo *hit* do verbo inglês *to hit*, em que este abrange vários significados como de ‘bater (com/contra algo)’, ‘acertar’ ou ‘colidir com’. Os usuários da internet fazem seu uso no sentido de ‘fazer sucesso’ ou ‘ficar famoso por algo’ e geralmente se referem a *tweets* que ganham muito engajamento dentro da rede, apesar de poder abranger mais que isso.

No português, esse verbo de estrutura sintática [hit]ar)v, aparece em contextos como: *o novo filme do Avatar vai hitar muito, eu já hitei no Twitter*. Assim como o exemplo de *shippar*, possui a forma nominal prototípica de particípio passado como em: *o fato desse álbum ter hitado me surpreendeu*; e também pode derivar o contexto de nome: *o hit do ano vem aí*.

#### 4.2.6 Tankar

O verbo *tankar* se tornou popular principalmente por causa dos jogos online. Termo que advém do inglês *to tank* faz referência a personagens de jogos online que são mais resistentes a danos e por isso tem função específica de defender a equipe do ataque inimigo. Na gramática do PB, a raiz importada pode ser usada em contexto verbal como *tankar*, derivando o sentido ‘aguentar’, ‘segurar’ ou ‘controlar’, geralmente, uma situação em que há

---

<sup>19</sup>Delena faz referência ao *ship* entre Damon e Elena, protagonistas do seriado de TV americano *The Vampire Diaries*.

uma reação natural ou emoção por parte do indivíduo como em: *não tankei esse meme, esse mês não tankei e fui de viajar, não tanko esse calor do Rio de Janeiro*. A raiz √TANK ainda pode ser combinada com a forma -vel e derivar o adjetivo *intankável*, como em: *falar cringe é intankável*.

#### 4.2.7 Flodar

No português, a concatenação da raiz importada √FLOD com a peça de Vocabulário verbalizadora derivou a palavra *flodar*. Em inglês, o verbo *to flood* adota o sentido de ‘inundar (-se)’. Entretanto, na transferência para o português, o significado é renegociado e pode ser entendido como sinônimo de *spam*, isto é, quando o usuário posta conteúdo repetitivo com muita frequência. Por exemplo: *vou flodar esse vídeo por um bom tempo*. Também pode derivar o contexto de adjetival com a marca fonológica expressa, como em: *a qualidade do vídeo não está flodável*.

#### 4.2.8 Dropar

*Dropar* é uma palavra adaptada do verbo inglês *to drop* cujo significados variam entre ‘cair’, ‘deixar ou fazer algo/alguém cair’, ‘cair de cansaço’ ou ‘excluir algo ou alguém’. No seu sentido especial, é um termo relacionado a jogos online quando se refere ao ato de ‘descartar um item no meio da partida’. Nas redes sociais, porém, o termo de estrutura sintática [drop]ar[v], ainda pode adquirir outras leituras idiomáticas como de ‘deixar de ser fã de algo ou alguém’ como em *dropei a série porque estava chata*; ou ainda pode significar ‘deixar de fazer algo’, ‘desativar’, ‘sair’ como em: *pensando em dropar a faculdade*. Também admite a forma de particípio passado como em: *melhor coisa que eu fiz foi ter dropado o twitter*.

#### 4.2.9 Stanear

O vocábulo *stanear*, ao contrário de *dropar*, significa ‘entrar em um *fandom*<sup>20</sup> dedicado a algum artista ou a algum filme, série, livro etc’. Como exemplos, temos: *ele é o artista mais talentoso que já staneiei, vou começar a stanear grupos de kpop*<sup>21</sup>.

Esse verbo é derivado do neologismo inglês *stan*, que é um merge das raízes das palavras inglesas *stalker* e *fan*. Em português, a raiz √STAN pode ser concatenada a um núcleo N como, por exemplo, em: *está virando moda ser stan de kpop*. Ainda existe o termo específico *bookstan*, que merge as raízes inglesas de *book* e *stan*, para denominar apenas a comunidade de leitores vorazes da internet.

#### 4.2.10 Linkar

A palavra *linkar* é emprestada do nome inglês *link*, o qual pode abranger muitos significados, mas o principal sentido está relacionado ao ramo da informática para denominar ‘endereço que redireciona o usuário para outra página’. O nome tem origem na sua forma verbal *to link*, que significa ‘vincular’, ‘conectar’, ‘unir’. Entre os falantes da língua portuguesa, há duas leituras possíveis: *linkar* tem relação semântica com o nome *link*, de estrutura sintática [link]n[ar]v, portanto, na sua forma verbal significa ‘colocar o link de alguma coisa’ como em: *depois dessa atualização do twitter eu não consigo mais linkar vídeos*; ou pode se referir ao sentido especial de ‘postar algo na internet’ como em: *vou linkar as séries que estou viciadíssima*.

#### 4.2.11 Upar

Na língua portuguesa, a palavra *upar* pode ter duas entradas diferentes. A primeira entra por meio do empréstimo *upload*. É um termo da informática com origem no verbo inglês *to upload* que pode ser traduzido como ‘carregar’ ‘transferir’ dados do computador para a internet. Na transferência para o português, a palavra *upload* perde a leitura composicional formada por duas raízes (up + load) do inglês, portanto, para o sentido adquirido de ‘postar algo na internet’, os falantes incorporam apenas a raiz √UP como, por

---

<sup>20</sup> *fandom* faz referência a uma comunidade de fãs. É pouco diferente de fã, pois se refere a um tipo de fã muito dedicado.

<sup>21</sup> Kpop (*Korean pop*) é um estilo musical da Coreia do Sul conhecido por abranger vários gêneros como *pop*, *hiphop* e eletrônico, e principalmente pela produção de alta qualidade de grupos musicais.

exemplo: *preciso upar as fotos da festa de ontem*. Também deriva o particípio passado *upado* como em: *o vídeo está upado no Youtube*.

A outra possibilidade de leitura para a palavra emprestada *upar* está relacionada a jogos online<sup>22</sup>. Esse sentido tem origem na palavra inglesa *up* e na internet tem a ideia de ‘atualizar, elevar, subir de nível’, como vemos em: *ainda não upei minha personagem hoje*. Essa ideia pode se estender para se referir ao próprio cotidiano como em: *matei tanto mosquito que sinto que upei*.

#### 4.2.12 Farmar

Outro termo usado amplamente na internet por conta de jogos online é a palavra *farmar*. O verbo originalmente vem do inglês *to farm* e se refere ao cultivo de itens ou habilidades para o desenvolvimento do personagem, como vemos, por exemplo, em: *tenho que farmar dinheiro para minha personagem upar*. No português, quando a raiz √FARM é concatenada com o categorizador *v* também pode se referir ao trabalho de ‘construir’ ou ‘engajar algo’, como em: *não precisamos dos outros para farmar nossa própria opinião, páginas de fofoca adoram farmar em cima de fake news*.

#### 4.2.13 Logar

A palavra *logar* é uma adaptação da expressão inglesa *log in*, que é formada pela raiz *log* e a preposição *in*, as quais são concatenadas e passa a significar ‘conectar-se’, ‘acessar’, ‘iniciar sessão’ em uma página da web. Em português, apenas √LOG é importado e combinado com o nó verbalizador –ar. Como temos, por exemplo, em: *ainda não loguei hoje no twitter, não consigo logar na minha conta do jogo*.

#### 4.2.14 Tiltar

*Tiltar* é uma palavra formada a partir da raiz emprestada do inglês *tilt*. Em inglês, essa raiz deriva os contextos de verbo e nome e seu significado original é de ‘inclin(-se)’,

---

<sup>22</sup>Verificar entrada em <https://mktesports.com.br/blog/dicionario-gamer/o-que-e-upar/>

‘inclinação’, ‘tendência’. Na língua portuguesa, a palavra entra primeiro como empréstimo *tilt* que geralmente se comporta como argumento interno ‘dar tilt’ e é usado quando o jogo ou o programa de computador dá erro ou trava. Esse empréstimo, portanto, derivou o contexto verbal *tiltar* onde adota a leitura idiomática ‘estressar-se’, ‘ficar com raiva’ como em: *não tankou assistir a partida e tiltou*. Outra derivação dessa forma é o contexto de participio passado que se comporta como adjetivo, como em: *fico tiltado quando falam mal do Brasil*.

#### 4.2.15 Fanficar

*Fanfic* é a abreviação da palavra inglesa *fanfiction* e se refere ao gênero escrito por fãs de histórias já conhecidas de livros, filmes, séries etc, onde se recria um universo próprio para os personagens. É diferente de uma adaptação porque pode não levar em conta muitos aspectos da história original. Portanto, tem sua estrutura particular, podendo até incluir personagens de diferentes universos fictícios em uma mesma história. Em português, assim como na língua inglesa, aparece em contexto nominal como, por exemplo: *odeio fanfics não finalizadas, eu não gosto de fanfics sobre bandas teen, estou convencida que nós vivemos em uma grande fanfic*.

Uma evidência da incorporação dessa raiz é o contexto derivado de verbo, cuja fonologia da peça verbalizadora é expressa como *fanficar* e pode abranger um sentido mais geral do tipo ‘teorizar ou inventar histórias na cabeça’, como em *os livros de romance sempre me fazem fanficar teorias, já fanfiquei o nosso casamento*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva da gramática do português brasileiro, foi apresentado através dos *corpora*, como os usuários, falantes da língua portuguesa, levaram em consideração os contextos sintáticos e a forma fonológica de muitas palavras da gramática da língua inglesa, e como fizeram sua incorporação por meio de suas próprias adaptações. Como vistas, essas adaptações não ocorrem de forma aleatória, mas que, na verdade, podem ser previstas nas regras gramaticais do português.

Um fenômeno linguístico como o empréstimo revela de forma explícita o pressuposto da MD de que todos os conjuntos de palavras existentes na língua têm caráter derivacional, no sentido da teoria minimalista, portanto, são manipulados por meio de operações sintáticas como concatenar e mover. A incorporação de palavras emprestadas se mostra evidente principalmente quando o empréstimo é capaz de derivar outras palavras emprestadas a partir da derivação de novos contextos sintáticos como nos casos de *old* que deriva o verbo *oldar* ou de *stan* que deriva o verbo *stanear*.

Como a MD prevê, as palavras são compostas de elementos atômicos como raízes e morfemas. Essa estrutura permite que o empréstimo linguístico seja possível e ocorra de maneira produtiva, uma vez que permite que somente as raízes estrangeiras sejam incorporadas e adaptadas para o português. Pode-se observar isto através dos recortes de formas menores dentro de uma palavra, das negociações e renegociações de significados, das recategorizações, do apagamento ou do acréscimo de morfemas feitos mesmo diante de dados linguísticos estrangeiros.

Além disso, pode-se entender com a postulação de um componente gerativo da sintaxe, que a leitura semântica dos empréstimos e conseqüentemente sua realização fonológica trata-se de uma fase tardia da derivação, mais especificamente após o *spell-out*. Isso quer dizer que a estrutura sintática surge primeiro na hierarquia da derivação sintática, o que resulta na definição do seu significado especial, ao passo que também atribui sua expressão fonológica.

No momento da transferência, portanto, a palavra emprestada não carrega informações do tipo sintática, morfológica e fonológica, pois entra na L1 da gramática do português como raiz. Isso explica, por exemplo, a recategorização de algumas palavras emprestadas que não levam em conta todos os contextos originais, como é observado em muitos exemplos como *old* e *block*, e também o fato de que a morfologia original da palavra pode ser totalmente desconsiderada como nos exemplos dos empréstimos *exposed* e *edit*.

Cada estrutura sintática, então, projeta uma leitura semântica, conforme a GG prevê quando se trata de sentenças e sintagmas. Entretanto, a MD, mostra que isso também se aplica às palavras, pois como foi enfatizado ao longo do presente trabalho, o componente sintático também realiza as mesmas operações em estruturas maiores e menores que uma palavra.

Em uma perspectiva futura, pretende-se investigar mais profundamente a questão da formação de palavras por meio de empréstimos e os diferentes significados das palavras

polissêmicas, tendo em vista outra vertente teórica construcionista chamada Exoesqueletal (BORER, 2003) como possibilidade, uma vez que se acredita que este modelo apresenta um quadro mais ampliado e adequado em relação ao limite do domínio de localidade dentro de palavras.



## REFERÊNCIAS

BORER, H. Exo-skeletal vs. endo-skeletal explanations: syntactic projections and the lexicon. In: MOORE, J. & POLINSKY, M. (eds.). **The nature of explanation in linguistic theory**. Stanford: CSLI, 2003; p. 31-67.

CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: **Studies on Semantics in Generative Grammar**. The Hague: Mouton, (p. 11-61), 1970.

CHOMSKY, N. Bare Phrase Structure. In: G. Webelhuth, ed., **Government and Binding Theory and the Minimalist Program**, Oxford: Blackwell. p. 385-439, 1995.

CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In M. Kenstowicz (Ed.), **Ken Hale: A Life in Language**. Cambridge, MA MIT Press, (p. 1-52). 2001.

**Dicionário Oxford Escolar**: Para estudantes brasileiros de inglês. Oxford University Press, 2007-2013.

EMBICK, D; NOYER, R. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In. RAMCHAND. G; REISS, C (eds.) **The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces**, Oxford University Press. p. 289-324, 2007.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Eds.) **The View from Building 20**. Cambridge: MIT Press, p. 111-176, 1993.

HARLEY, H.; NOYER, R. Distributed Morphology. **GLOT** 4.4, April, p. 3–9, 1999.

MARANTZ, A. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, v. 4, n. 2, p. 201–225, 1997.

MARANTZ, A. Words. **20th West Coast Conference on Formal Linguistics**, fevereiro, 2001.

MARANTZ, A. Phases and words. *In*: S. H. Choe (Ed.), **Phases in the theory of grammar**. Seoul: Dong-In PublishingCo. p. 191-222. 2007.

MEDEIROS, A. B. **Traços Morfossintáticos e Subespecificação Morfológica na Gramática do Português: Um Estudo das Formas Participiais**. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

PEDERNEIRA, I. L.; AQUINO, R. N. M.; LEMLE, M. Análise de empréstimos sob a ótica da morfologia distribuída. **Diadorim**, Rio de Janeiro, vol. 23, n. 2, p. 509-529, jul.-dez. 2021.

PEDERNEIRA, I. L. **Etimologia e Reanálise de Palavras**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras. Programa de Pós-graduação em Linguística, 2010.

SCHER, A. P.; BASSANI, I. de S.; MINUSSI, R. D. Morfologia em morfologia distribuída. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, v. 1, n. 47, 2013.